

Saúde começa a ser debatida

Médicos, autoridades e a comunidade reavaliam o sistema

Numa promoção do Sindicato dos Médicos, Associação Médica e Conselho Regional de Medicina, os profissionais da área da saúde e representantes de associações de moradores estarão discutindo, hoje e amanhã, no auditório do Hospital Regional da Asa Norte, a situação do sistema de saúde no DF, suas distorções e o trabalho dos profissionais. As atividades de hoje iniciam-se às 19h. Amanhã, Dia do Médico, haverá conferências durante todo o dia.

Segundo a presidente do Sindicato dos Médicos, Maria José da Conceição, as principais distorções que serão discutidas no encontro são a falta de integração, de hierarquização, de uma política de valorização dos recursos humanos e de comunicação entre a população e o sistema de saúde.

A falta de integração é o subaproveitamento da capacidade de atendimento da rede hospitalar. Segundo Maria José, deveria haver em Brasília uma espécie de setorização no atendimento hospitalar. Assim, o Hospital Presidente Médici poderia atender as áreas de ginecologia e pediatria, enquanto o Hospital Regional da Asa Norte atenderia as áreas de cirurgia, ortopedia etc. Ela afirma que isto representaria uma economia de recursos e um melhor aproveitamento de pessoal, o que se traduziria em uma melhor prestação de serviços.

Outro aspecto que os médicos pretendem denunciar é a falta de hierarquização no sistema de saúde. Eles sugerem que os centros de saúde cumpram sua função preventiva. Isto é, os centros devem fazer exames de rotina (fezes, urina etc.) e orientar os doentes. Quando o caso necessitasse de tratamento ambulatorial, seria encaminhado ao Hospital Regional. Lá, se constatasse que o caso é muito grave, o paciente seria encaminhado para o Hospital de Base de Brasília, que seria o último ponto do tratamento.

Atualmente, denunciam os médicos, os ambulatórios dos hospitais regionais

estão fechados e os centros de saúde estão servindo como ambulatórios. Além disso, os médicos denunciavam que o sistema de saúde do DF é extremamente centralizado. Segundo eles, a população do Plano Piloto, que equivale a cerca de 30 por cento da população do Distrito Federal, possui 65 por cento dos leitos hospitalares e uma proporção maior dos recursos humanos e equipamentos de diagnóstico e tratamento.

O Plano Piloto tem 10 hospitais e Casas de Saúde privadas, nove hospitais públicos, policlínicas e serviços médicos em vários órgãos públicos, para atender a uma população de cerca de 400 mil pessoas. Enquanto isso, Cellândia tem apenas um hospital público para uma população de 480 mil habitantes. Devido a estes números, os médicos querem redirecionar o sistema, voltando-o para a periferia.

Além de todos estes problemas, os médicos denunciavam ainda que faltam uma política de valorização dos recursos humanos e um canal de comunicação entre os hospitais e a população. Atualmente um médico inicia seu trabalho na FHDF ganhando Cr\$ 2 milhões 700 mil mensais, para uma jornada de 24 horas semanais. Sobre a falta de comunicação, os médicos acreditam que deveria haver uma espécie de comissão fiscalizadora nos hospitais, capaz de atender às reivindicações dos usuários.

CONFERENCIA

A partir de hoje o brasileiro começa a opinar sobre a política de saúde e a apresentar sugestões para a realização do novo plano do setor. As sugestões estarão sendo colhidas durante a conferência preparatória que começa hoje, às 19h30min, no Centro de Ensino nº 1 do Gama. Como os problemas de saúde são diferentes em cada cidade-satélite, as conferências serão realizadas em todas elas, sempre com a participação de representantes da comunidade e profissionais de saúde, que estarão participando a partir de novembro da 1ª Conferência de Saúde do DF.

Hospitais darão aulas

A partir do próximo ano as crianças internadas nos hospitais públicos do DF poderão continuar seus estudos, frequentando as aulas em classes especiais. Para desenvolver o projeto — a exemplo do que já existe no Hospital de Base onde há 16 anos funciona uma escolinha para as crianças internadas — foi assinado recentemente um convênio entre as fundações Hospitalar e Educacional. Ontem, durante a festa das crianças, realizada na unidade de pediatria do HBB, o secretário de Saúde, Carlos Mosconi, falou sobre o projeto.

— Trata-se de uma iniciativa pioneira no País — disse Mosconi, ao informar que o projeto será desenvolvido inicialmente em nove hospitais, devendo oferecer em torno de 300 vagas. Para o diretor-executivo da Fundação Hospitalar, Gustavo Ribeiro, a criança hospitalizada, que já sofre o estigma da internação, passa a ser menos prejudicada, uma vez que não interrompe os estudos enquanto permanece no hospital.

Fábio Bruno, diretor-executivo da Fundação Educacional, destacou a importância do projeto, lembrando que as aulas serão ministradas de acordo com o programa da rede oficial de ensino aos alunos de dois a 12 anos que cursam o 1º Grau.

Obrigadas a permanecer no hospital às vezes até por mais de um ano, crianças que sofrem de doenças graves, como a leucemia, ou

que apresentam problemas cardíacos ou renais, muitas vezes acabam perdendo o ano escolar.

Durante todo este tempo, apenas uma professora, Delza Guimarães Moura, vem ministrando as aulas no HBB, atendendo a crianças de diversas idades. "Costumo ensinar por grupos, separando os alunos de acordo com seu grau de escolaridade", explicou Delza. Segundo ela, os alunos em geral apresentam um comportamento mais lento, em consequência da doença e do tratamento a que são submetidos. "Mas a maioria responde com êxito às aulas", acrescentou, ao informar que dá aulas atualmente para um grupo de 25 crianças que participam, inclusive, de atividades artísticas, realizando trabalhos manuais como tapeçaria e pintura.

A partir de sua experiência, Delza participará do treinamento de novos professores que estarão atendendo às crianças internadas nos demais hospitais da rede onde haja pelo menos um grupo de 25 crianças.

Este trabalho, além de proporcionar aos internos a oportunidade de continuar estudando, vai contribuir também para tornar menos triste a realidade de meninos como Francisco da Silva, 11 anos, há dois meses internado no HBB com leucemia. Para ele, que cursa a 2ª série do 1º grau, a escola "é muito boa, pois aqui eu aprendo e me divirto muito".